

M

emanuel

1

A

dimas

9

Y

melo

9

A

pimenta

8

também conferência em

Perugia - Joseph Beuys

Perugia, Italy, 1998

Maya

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: MAYA

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 1995

Filosofia, estética

editor: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por qualquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia e prescrita do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá sempre ser incluído.

O objectivo último do Zen é aquilo que é conhecido como *Satori* em Japonês, e *Sambodhi* – ou *abhisamaya* em Sânscrito. Isto é: *iluminação*, como ensinava Daisetz Suzuki.

A palavra *abhisamaya* terá surgido da fusão dos termos Sânscritos *abhyasa* e *maya*. O primeiro designa aquilo que poderíamos dizer como *método, exercício, aplicação prática*.

Maya, tão frequente e vulgarmente usada no Ocidente, significa literalmente *aquela que mede*. A partícula **ma*, tem sua origem no Indo Europeu, e indicava os conceitos de *mãe*, de *matéria*, de *matriz*.

Essa partícula Indo Europeia também implicava a ideia de *energia criativa, impulso criativo* e, num certo sentido, também a noção de *descoberta, de insight*.

Vulgarmente traduzida por *ilusão*, o termo *maya* originalmente tem o significado de *energia criativa*. Apenas depois, alguns milhares de anos após a sua criação, com a tradição Vedanta, por volta do século VIII, é que *maya* passa a significar *ilusão*.

Mas há uma estreita ligação entre as duas significações – relançando-nos directamente à raiz Indo Europeia.

O que é aquilo que percebemos no tempo e no espaço senão pura *ilusão*?

Mas, para *percebermos* qualquer coisa é necessário existir o impulso da descoberta, sem o qual não há o maravilhamento.

Como não lembrar Socrates ao defender que a base da filosofia é o maravilhamento?

Essa é a natureza primeira da criança, da invenção e da estética.

Assim, *abhisamaya*, ou *iluminação*, significa na sua essência *exercício do impulso criativo*.

Joseph Beuys percebeu que era isso o que acontecia.

Resgatou na *religião* dois elementos que revelariam a sua arte. Dois elementos formadores da própria ideia de *religião* – a antiga matriz Latina *religare* e a posterior expressão medieval *relegere*. Daquela, Beuys resgatou da Natureza, enquanto processo, a ideia de ilusão na percepção – palavra que surge do Latim *ludus*, e que significa etimologicamente *contra jogo* – mas também a ideia de *impulso criativo*.

É aqui que surge o conceito de Natureza ao nível antropológico. Uma volta pelo avesso através da própria cultura.

Com a segunda expressão Latina, *relegere*, Beuys se lançou ao método, ao exercício do *fazer*, da *ação*.

Um percurso que ilumina a natureza daquilo a que chamamos de *arte*, no final do segundo milénio.

A ilusão, o *contra jogo*, a crítica da cultura, estabelecida pelo maravilhamento da descoberta.

A obra de Beuys ultrapassa em muito a ideia de objecto, de evento fechado no tempo e no espaço.

Ela opera o processo enquanto uma complexa trama de relações.

Assim, ela se desmaterializa – mas, ultrapassando o nível da arte conceptual.

Não se trata de uma obra literária, no sentido de se estabelecer no universo simbólico, um universo de *conteúdos*, de *símbolos*.

Ela implica uma diferente estratégia de organização das coisas.

Ilusão e iluminação, maravilhamento e exercício do impulso criativo, *relegere e religare*.

E, como não pode estar presa no tempo e no espaço, ela já não pode ser mais exclusivamente Joseph Beuys, mas é um pouco de todos nós.

Toda essa viagem de pensamento – e todas essas ideias – poderia ser aplicada a qualquer grande artista Ocidental, de qualquer época, em qualquer lugar.

Por isso, trata-se de uma questão antropológica segundo a qual o impulso criativo nunca poderia ser propriedade exclusiva de alguém.

Tal como acontece com a música, pois os sons, como as ideias, não podem ser guardadas num cofre.

Beuys, como John Cage, como Satie ou como Merce Cunningham entre muitos outros, aproximaram arte e música, no caminho da *iluminação*.

Num antigo *koan* do século XII, Tai-Hui questionava apontando para uma pequena vareta de bambú: “*Se alguém disser que isto é uma vareta, será uma afirmação. Se se disser que não é uma vareta, será uma negação. Além da afirmação e da negação, como poderíamos chamar a isto?*

Maya!